

A Centelha



JORNAL DA ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA

Donativo Livre

Nº42 • ABRIL/MAIO • 2025

CONSTRUIR UMA ESQUERDA COMBATIVA CONTRA O RACISMO E O FASCISMO



Derrotar a direita e a extrema nas ruas. Construir uma

Comité Executivo da Esquerda Revolucionária

Em poucas semanas ficámos a saber que Montenegro usava a mulher e filhos como testas-de-ferro da empresa Spinumviva para receber avenças de milhares de euros de várias grandes empresas. Entre estas encontra-se a Solverde, empresa de turismo e casinos que Montenegro já havia representado enquanto advogado nas negociações com o governo anterior para a prorrogação das suas concessões, o que lhes garantiu milhões de euros. Um Primeiro-Ministro descaradamente no bolso dos mesmos cartéis que nos empobrecem com o vício do jogo e álcool, a especulação imobiliária, a destruição do SNS e a concertação de preços inflacionados de bens de primeira necessidade.

Quando há um ano Marcelo empossou um governo minoritário da AD não contava que o “rural” Montenegro fizesse às claras aquilo que todos os parlamentares burgueses fazem nas sombras: receber dinheiro do grande capital para defender os seus interesses. Em vez de renunciar ao cargo, Montenegro teve esperanças de conseguir sair ileso do caso Spinumviva, submetendo-se a duas moções de censura e uma moção de confiança, contando com o apoio da maioria do seu partido e a cumplicidade do PS. O PS, garante da estabilidade burguesa, viu-se na posição de ter de salvar por duas vezes o governo, votando contra as moções de censura. Ameaçou uma comissão de inquérito a Montenegro com o objectivo de ir desgastando o PSD e ganhar eleitorado à direita, mas garantindo que a legislatura continuava. Percebendo que o desgaste de uma comissão de inquérito seria demasiado, o PSD fez all in numa moção de confiança.

Na sua votação, o PSD fez uso de todos os truques e malabarismos parlamentares — desde telefonemas durante o debate entre os dirigentes dos dois partidos a pedir uma pausa de meia hora para se reunir com o PS — para convencer o PS a apoiar novamente o governo. Tentou colocar a culpa de uma crise política e novas eleições nos ombros do PS, mas para este votar a favor seria levar a cumplicidade para com um governo com um líder abertamente corrupto longe demais até para o partido que na última década foi o maior defensor dos grandes monopólios e da estabilidade do parlamentarismo burguês. Teve de chumbar a moção de confiança.

Marcelo podia ter tentado encontrar uma solução alternativa dentro da AD para continuar a governar, mas considerou preferível arriscar eleições que resultassem numa solução mais estável do que descredibilizar ainda mais o PSD e as instituições burguesas aos olhos da classe trabalhadora. Na altura da demissão de António Costa, Marcelo decidiu-se por eleições 124 dias depois com a intenção de dar tempo aos partidos da burguesia de se recompor e prepararem a campanha. Desta vez não se pode dar

ao mesmo luxo: uma situação internacional muito instável, a perda do poder de dissolução a partir de julho (último semestre do seu mandato) e o facto do PS ter uma direção consolidada instou-o a dar apenas 68 dias até às eleições, a 18 de Maio.

Os EUA, foco da instabilidade A burguesia sem opção política fiável perante a crise do parlamentarismo e dos partidos tradicionais

Este governo demissionário tomará medidas urgentes para a burguesia como a “via verde” de trabalhadores imigrantes para colmatar a falta de mão-de-obra de alguns sectores que ameaça a subida de salários ou, com o apoio do PS, o envio de uma tranche de milhões de euros para a Ucrânia. Mas outros processos, como a privatização da TAP, ficarão em lume brando. Neste contexto de instabilidade, a burguesia quer diminuir ao máximo o tempo de um governo de gestão sem autoridade para tomar certas medidas. A Confederação Empresarial de Portugal pediu uma solução rápida, e Marcelo acatou. Mas falta-lhe uma opção política que lhe garanta estabilidade.

A crise dos partidos tradicionais já se havia expressado nas eleições legislativas do ano passado, onde apenas 54 mil votos e dois deputados separaram a AD do PS, ambos com minoria no parlamento. Marcelo decidiu arriscar um governo minoritário da AD, confiando que pudesse evitar instabilidade através do apoio parlamentar do PS ou mesmo do Chega. O plano foi resultante. O governo privatizou centros de saúde e preparava-se para privatizar hospitais para abrir o SNS aos privados, e foi adiado o aumento de salários e contratação dos exaustos profissionais de saúde, resultando no quádruplo de urgências encerradas em comparação com o ano anterior. Reverteu as políticas de habitação que protegiam inquilinos e alterou a lei dos solos, para aumentar os lucros do turismo e da especulação pelos bancos e grandes fundos imo-

bilírios, expulsando a classe trabalhadora para cada vez mais longe do centro das cidades e aumentando o número de pessoas a morar em casas auto-construídas e nas ruas. Acabou com a manifestação de interesse, dificultando a legalização dos trabalhadores imigrantes para manter baixos os salários de toda a classe trabalhadora, e montou uma campanha de ataques policiais sob o pretexto duma “insegurança” imaginária para fazer deles o bode expiatório de todas estas crises que acentuou. Nem o governo nem a hoste de comentadores burgueses consegue envernizar os resultados destas políticas: estamos mais pobres e as crises do SNS, da educação e da habitação só aumentaram, assim como a nossa raiva para com a AD e este sistema.

Ao avançar com Montenegro como candidato, o PSD comprometeu uma possível união do voto da direita em si para travar o PS. Pelo contrário, num contexto de ascensão da extrema-direita a nível internacional, galvanizada por Trump, haverá muito provavelmente uma transferência de votos do PSD para o Chega. Uma camada recuada da classe trabalhadora que votou no Chega o ano passado como voto de protesto está enojada com o antro de pedófilos, corruptos e ladrões que esse partido revelou ser. Mas o grosso do voto no Chega vem da pequena-burguesia arruinada e alguma burguesia a quem isso nada importa — o essencial é que ataquem os imigrantes e a esquerda de forma a garantirem os seus lucros. Montenegro tem mantido que uma coligação com o Chega está fora de questão, mas a sua derrota nestas eleições poderia catalisar um novo líder aberto a tal coligação, senão mesmo o regresso de Passos Coelho, construído como figura impoluta que podia trazer novamente estabilidade ao PSD. É este o desejado de um sector da burguesia que acredita que neste próximo período seja necessária esta coligação ultra-reacionária para que, com punho fêrreo, garanta a estabilidade para avançar com cortes sociais e outros ataques à clas-

se trabalhadora para custear o rearmamento europeu e repor a perda de lucros resultante da guerra comercial.

Se a AD pôde levar adiante todas estas políticas pró-capitalistas e de ataque à classe trabalhadora foi graças à cumplicidade do PS. Abdicou a fazer oposição mesmo quando o governo se acercou das posições da extrema-direita na imigração, pelo contrário adoptando um discurso reacionário contra a manifestação de interesse, juntando-se na prática aos ataques para com os trabalhadores imigrantes. O PS teve até a oportunidade de fazer cair o governo na votação do Orçamento de Estado para 2025 (OE25), mas também aqui a sua oposição se limitou a apenas duas medidas fiscais que em nada contribuíram para inverter a situação de pobreza da classe trabalhadora que se alastra a um quinto da população. Ao abster-se na votação, deixou passar o orçamento. O plano do PS parecia ser deixar o governo desgastar-se e esperar pelo fim da legislatura, mas não lhe correu como esperado. Ao abdicar de fazer oposição, em nome da estabilidade para a acumulação capitalista, deixou de ser visto pela classe trabalhadora como um partido capaz de fazer frente à direita — como havia acontecido nas legislativas de 2022 em que concentrou o voto útil e conseguiu a maioria absoluta. Assim, apesar de um ano de brutais ataques do governo de direita e da crise do PSD, o PS continua empatado com a AD nas intenções de voto.

A burguesia certamente querará evitar um novo governo minoritário, como parece provável acontecer caso o PS ou a AD não se coliguem com outros partidos — ou mesmo com pequenos partidos como Livre e a IL, respectivamente. Não podemos descartar completamente a hipótese, ainda que remota, de um acordo do “centrão”, já pedido abertamente tanto por militantes históricos do PS — Eduardo Ferro Rodrigues — e do PSD — candidato presidencial Marques Mendes — como por sectores da própria burguesia — CEO da Sonae. Uma solução arriscada para esta última, pois implicaria o desgaste dos seus dois partidos tradicionais numa época que se prevê de ataques à classe trabalhadora. Perante a crise dos partidos, nunca houve tantos eleitores indecisos sobre em quem votar, e todos os cenários estão em aberto.

Contra o sistema capitalista e a extrema-direita, construir uma esquerda combativa

Quem viu a discussão da votação no parlamento não pôde deixar de sentir nojo desta instituição burguesa e destes partidos. O parlamento já se havia tornado num circo, ocupado em mais de um quinto por fascistas do Chega e tendo como presidente Aguiar-Branco que, fazendo juz ao nome, não só branqueou os seus urros machistas e racistas em nome da “liberdade de expressão”, como frequentemente se juntou aos seus ataques à esquerda. Com a de-



Extrema-direita nas urnas e esquerda combativa!

cadência do sistema capitalista é cada vez mais difícil vender a ideia de que as instituições burguesas, instrumentos de dominação da burguesia, são “neutras” ou estão “acima das classes”.

Sabemos que nenhuma transformação social profunda será possível através de instituições burguesas ou de governos que se deixem reger pelas regras do capitalismo. Esta é uma ilusão que tem sido semeada pelas direções do PCP e do BE por décadas e que se torna cada vez mais perigosa à medida que a burguesia coloca de novo a hipótese de recorrer ao fascismo. Ouvimos os seus dirigentes continuar a defender a Geringonça como algo positivo e fá-lo-ão com cada vez maior convicção à medida que cresce a extrema-direita. Não aprenderam nada com o abraço de urso do PS e colocam-se novamente à disposição de um partido burguês que desde então só virou mais à direita e que neste período vai ter de atacar mais ferozmente a classe trabalhadora. A construção de frentes populares em união com sectores da burguesia “democrática” como resposta ao avanço da extrema-direita está condenada ao fracasso, pelo contrário dando-lhe mais força.

O PCP e o BE também estão em crise, precisamente devido à política de conciliação de classes, do cretinismo parlamentar e da defesa das instituições burguesas, assim como da necessidade das burocracias,

para manterem o controlo, asfixiarem a democracia interna e fazerem uso de práticas no próprio partido diametralmente opostas àquelas que defendem publicamente, quais padrões burgueses. Enquanto esta situação continuar de nada vale chamarem dirigentes históricos — a admissão de que não conseguem formar novos quadros — para concorrerem às eleições: com maior ou menor expressão parlamentar, as suas crises continuarão a aprofundar-se.

Não devem legitimar ou “salvar” o parlamento, os partidos ou o sistema burguês, mas precisamente o contrário, aproveitar as suas crises para os denunciar e para construir uma esquerda combativa que organize e mobilize a classe trabalhadora para manifestações e greves nas ruas e locais de trabalho, trazendo à sua atenção que são estes últimos os verdadeiros centros de poder, onde organizados em assembleias (soviets) poderiam organizar democraticamente a produção, como aconteceu de forma embrionária durante a Revolução Portuguesa.

A classe trabalhadora está disposta a isso: muitas vezes contra a vontade destas direções fez greves em numerosos sectores, mobilizou-se em massa contra o assassinato de Odair Moniz e as operações nos bairros periféricos de Lisboa e na rua do Benfornoso pela polícia racista, contra o genocídio sionista e mais recentemente contra os despejos e demolições de casas autocons-

truidas. O pessimismo e falta de confiança destas direções e de alguns sectores da esquerda na classe trabalhadora são consistentemente refutados pela realidade.

Mas enquanto comunistas revolucionários tampouco somos esquerdistas que desprezam as eleições burguesas e pedem a abstenção. Se a classe trabalhadora não voltar à esquerda, deixa o caminho aberto à direita e à extrema-direita. Tal como foi mais fácil para os bolcheviques organizar politicamente a classe trabalhadora no período de democracia burguesa depois da Revolução de Fevereiro do que durante a ditadura czarista, será hoje mais fácil aos revolucionários organizarem a classe trabalhadora sob governos de esquerda — e mesmo social-democratas, apesar do seu crescente autoritarismo — do que sob os ataques de governos da direita e extrema-direita — como os levados a cabo nos EUA pelos Republicanos sob a direção de Trump.

Será a classe trabalhadora na Europa a pagar o desespero da burguesia europeia em resistir à poderosa burguesia chinesa — que já lidera sectores tão importantes como o dos carros elétricos — e aos zigzags da burguesia estado-unidense. Sem dúvida que se voltará a erguer em manifestações multitudinárias em defesa dos seus direitos. A nossa tarefa é construir a organização revolucionária que, dotada de um programa socialista, indique então o caminho da revolução à

sua classe: expropriar os grandes monopólios e bancos para podermos ter salários dignos, casas para viver, saúde e educação públicas, gratuitas e de qualidade, inverter o desastre ecológico e varrer a corja burguesa e fascista para podermos viver com dignidade e em paz.

Defendemos:

- Expropriação de apartamentos e casas a bancos, fundos abutres e grandes rentistas!
- Regularização imediata de todos os imigrantes e descendentes de imigrantes!
- Saúde e Educação públicas e gratuitas!
- Expropriação dos privados!
- Salário igual para trabalho igual! Direito ao aborto livre! Direitos plenos para a comunidade queer!
- Fim dos processos de privatização da TAP, RTP, sistema de pensões e de todos os outros!
- Nacionalização da banca e dos grandes monopólios sob controlo dos trabalhadores!

Junta-te à Esquerda Revolucionária para construirmos essa organização!





Contra as demolições, construir Por habitação digna e pública, expropriar os bancos

Miguel Askatasunera
Esquerda Revolucionária

Cada vez mais famílias de classe trabalhadora se veem incapazes de pagar as rendas. O preço das rendas de novos contratos subiu 10% em 2024. Lisboa, com um valor médio de 1200€, é a cidade mais cara da Europa em relação ao custo de vida, face a salários completamente estagnados.

Começando por esvaziar o centro das cidades, a classe trabalhadora vê-se cada vez mais exilada para as periferias e, nesta fase da crise capitalista, a crise da habitação já atingiu um ponto em que nem aí se consegue encontrar casa. Como resultado, cada vez mais pessoas se veem forçadas à condição de sem-abrigo, ou a procurarem outras soluções para além do mercado imobiliário tradicional.

A luta das Marinhas do Tejo é a luta pela habitação

Em nenhum outro concelho isto é tão visível quanto em Loures, o 4º maior concelho em termos de população da Área Metropolitana de Lisboa e um dos que mais tem crescido, principalmente à conta de trabalhadores imigrantes, servindo como dormitório para Lisboa. O bairro das Marinhas do Tejo, em Santa Iria da Azoia, é paradigmático. Desde há dois anos trabalhadores imigrantes, vindos originalmente de São Tomé e Príncipe, e descendentes dessa comunidade, começaram por ocupar um edifício devoluto pré-existente, antes de se expandir, começando a construir as suas próprias habitações. Agora, cerca de 100 pessoas vivem em 3 imóveis e 15 habitações autoconstruídas, em condições bastante precárias.

Desde dezembro que a autarquia de Loures tem vindo a esmagar os esforços de autoconstrução dos moradores do bairro. Começaram por afixar em cada uma das portas um aviso de que as habitações seriam demolidas num prazo de 48 horas. Os moradores do bairro resistiram a esse ultimato e, perante a pressão assim gerada, têm con-

seguido que a autarquia vá sucessivamente atrasando a data da demolição — primeiro para 31 de janeiro, depois para 17 de março e, por enquanto, indefinidamente.

Desde dezembro que a autarquia de Loures tem vindo a esmagar os esforços de autoconstrução dos bairros.

Noutros bairros de Loures, a autarquia já demoliu habitações. No bairro do Talude, foram sete no início de março. Enquanto os seus habitantes, também eles imigrantes são-tomenses, estavam a trabalhar, chegaram os bulldozers, sem qualquer aviso prévio, e destruíram as suas casas e tudo o que continham, atirando-os à condição de sem-abrigo.

No bairro das Marinhas do Tejo, a pretensa solução apresentada pela Câmara Municipal de Loures, em janeiro, foi imprimir folhas A4 com uma compilação de anúncios do Idealista, OLX e outras plataformas, e entregá-los aos moradores, para que se desenvencilhassem. Esta não é solução: ninguém vive em condições tão precárias como estas por opção. Mas com as rendas cada vez mais inacessíveis, conseguir um contrato de arrendamento torna-se impossível.

E para muitos trabalhadores imigrantes, basta que o agente imobiliário ouça o sotaque para que desligue logo a chamada, com um racismo atroz que a burguesia usa para explorar ainda mais estes trabalhadores.

A 27 de março, a Câmara Municipal de Loures anunciou que 44 dos moradores das Marinhas do Tejo seriam realojados em habitação social, providenciada através de um programa do governo. É uma solução incompleta e insuficiente, conquistada apenas através da luta dos moradores.

Não só em Loures, mas por toda a Área Metropolitana de Lisboa e em diversos outros pontos do país, situações como a do bairro das Marinhas do Tejo e do Talude repetem-se: autarquias a demolir os bairros

autoconstruídos, alegando uma luta contra a precariedade, mas sem dar nenhuma solução viável para os desalojados.

As demolições são só a ponta do iceberg

As demolições dos bairros autoconstruídos são casos particularmente graves, que afetam uma camada particularmente explorada da classe trabalhadora — os trabalhadores imigrantes, racializados, e os seus descendentes. Mas esta é apenas a faceta mais severa de uma crise da habitação que toca já toda a classe trabalhadora.

Mais de 70% dos moradores na Área Metropolitana de Lisboa estão em situação de sobrecarga financeira para pagar as despesas com a habitação, com a maioria chegando mesmo a gastar mais de metade dos seus rendimentos para cobrir as despesas da habitação, uma pressão insustentável que leva a cada vez maior precariedade.

Para os estudantes de classe trabalhadora, a habitação torna-se também o maior entrave à entrada no ensino superior, com relatos de estudantes a pagarem 700 a 880 euros de renda sem contrato, um valor equivalente ao Salário Mínimo Nacional.

Outro fenómeno preocupante é o aumento do número de crianças em risco e sem casa digna. É cada vez mais comum as altas de bebés recém-nascidos serem adiadas por carência habitacional. Esta é uma forma de violência racista e classista estatal bastante perniciosa, e um dos principais receios dos moradores dos bairros autoconstruídos. Casos como o de Ana Paula, uma moradora do bairro do Talude cuja casa foi demolida, e que foi depois ameaçada por uma assistente social de que, se não encontrasse casa, seria reportada junto da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, que lhe poderia retirar os filhos, incluindo o recém-nascido.

Isto tudo acontece enquanto 15% das casas em Lisboa se encontram desocupadas, e em condições de serem habitadas. É um

aparente paradoxo que revela que a causa da crise da habitação não é a falta de construções, mas a sua gestão à base de um mercado imobiliário dominado por fundos imobiliários que preferem negar a habitação à classe trabalhadora, aumentando a pressão e inflacionando os valores das rendas.

E tal como não é a falta de habitação que causa a crise, não poderá ser o seu aumento, com projetos como a Lei dos Solos, que procura entregar ainda mais terrenos para a especulação imobiliária, para lucro das imobiliárias e de certos dirigentes políticos no seu bolso, alegando fazê-lo em proveito da classe trabalhadora. Nada disso. A única solução para esta crise passa, necessariamente, pela expropriação dos fundos imobiliários, a banca e os grandes rentistas, que negam a habitação à classe trabalhadora e fazem desse direito fundamental uma forma de lucro milionário.

E só o povo se poderá salvar desta crise.

PS de Loures despeja e demole sem oferecer solução

O PS conquistou a Câmara Municipal de Loures à CDU nas últimas eleições autárquicas de 2021, em grande parte por Bernardino Soares não apresentar uma resposta aos problemas da habitação. Chegou mesmo a levar a cabo demolições de habitações autoconstruídas sem oferecer solução durante a pandemia.

Mas o atual presidente da câmara, Ricardo Leão, do PS, está decidido a elevar os ataques a outro nível. Já em 2023, fez um ultimato a 1225 famílias que tinham rendas em atraso: ou pagam nos próximos 90 dias ou são despejados. Em outubro do ano passado mantinha o plano de despejar 550 famílias por não pagarem rendas.

Pela mesma altura Ricardo Leão aprovava uma recomendação do Chega, que permitia despejar de casas municipais quem comete crimes. Isto no contexto das revol-



Para a organização dos moradores! Contra bancos, fundos imobiliários e grandes rentistas!

tas que se seguiram ao assassinato racista de Odair Moniz às mãos da polícia. Defendeu ainda o despejo “sem dó nem piedade” também das suas famílias.

Este foi um escândalo que causou incômodo dentro do próprio PS. Apesar disto Pedro Nuno Santos manteve a sua confiança no autarca, obrigando António Costa a atacar publicamente o autarca, numa tentativa de manter o PS com uma aura de esquerda, enquanto continua numa viragem à direita. O mesmo Ricardo Leão, então recém-eleito presidente da Federação da Área Urbana de Lisboa, a estrutura responsável pela definição da orientação política do partido, foi assim obrigado a demitir-se. De nada serviu a palmada de Costa: recentemente voltou a afirmar que “qualquer nova edificação ilegal será imediatamente demolida”.

Os ataques à habitação social continuam há já vários anos, com as autarquias aproveitando qualquer oportunidade e desculpa que possam usar para despejar famílias de classe trabalhadora e alimentá-las aos lucros dos fundos imobiliários. É um fenómeno que se repete por todo o país. Defendemos a construção de habitação social mas esta situação deixa claro como, enquanto a habitação social estiver nas mãos destes autarcas e governadores burgueses, será apenas uma solução parcial para a crise da habitação, muito à quem das nossas necessidades.

Outras soluções terão de ser alcançadas.

Só a organização manterá os bulldozers à distância!

O que separa o bairro das Marinhas do Tejo do bairro do Talude, e dos vários outros bairros demolidos pelas autarquias ao longo dos anos, é o esforço de resistência dos seus moradores e, em particular, a sua auto-organização, fomentada pelo movimento Vida Justa.

A Vida Justa tem vindo a promover assembleias no bairro, nas quais os moradores têm sido capazes de expressar as suas queixas e planear como melhor resistir às

ameaças de demolição. É também assim que se têm conseguido mobilizar e captar atenção mediática para o seu caso, mostrando a várias outras comunidades nas periferias de Lisboa de que não estão sozinhas e de que resistência é possível contra o avanço dos bulldozers.

Não é a habitação social providenciada pelo governo, nem o apelo a autoridades maiores do Estado – nomeadamente o Presidente da República – que salvaguardarão os bairros autoconstruídos, mas esta luta dos seus moradores e a sua organização.

É a organização dos moradores que tem salvado o bairro das Marinhas do Tejo da demolição, a única solução para a classe trabalhadora se resgatar da crise da habitação. Têm de se organizar esforços semelhantes em todos os bairros, tanto naqueles que estão em risco de ser despejados ou demolidos, como nos que ainda não estão — mas que poderão ficar a qualquer momento, por capricho dos negócios capitalistas.

Têm de se organizar assembleias em todos os bairros e, dessas assembleias, surgiram comités capazes de levar a cabo o trabalho de resistência contra os despejos, as suas demolições, e todas as demais agressões à classe trabalhadora. E esses comités, por sua vez, terão de se coordenar a nível local, regional e nacional, de maneira a conseguirmos criar uma força capaz de fazer frente aos capitalistas que nos exploram e ao Estado que lhes serve de músculo nesse esforço.

Nenhuma solução que não passe pela auto-organização da nossa classe é viável a longo prazo. Qualquer desculpa pode ser usada por governos burgueses para nos tirar a habitação social que eles controlem e as instituições só nos vão dar soluções, por mais limitadas que sejam, em resposta à nossa luta, por receio da nossa força.

A habitação não pode ficar sujeita aos caprichos do lucro capitalista. É um direito, e a única maneira de o salvaguardar é

através do planeamento democrático da habitação. Para isto se levar a cabo, é necessário começar com a expropriação em massa dos fundos imobiliários, que mantêm as casas vazias, e pô-las sob gestão de comités democráticos, organizados por decisão de assembleias de moradores dos bairros.

O que se está a exigir não é irrealista — é apenas retomar o que foi feito na Revolução Portuguesa, quando comités de moradores tomaram controlo dos seus bairros, quando os moradores dos bairros de barracas ocuparam casas para viver, e quando os bairros autoconstruídos finalmente se viram livres das ameaças de demolição. O que se seguiu foi uma melhoria imensa da qualidade de vida da classe trabalhadora portuguesa, da qual usufruíram as gerações posteriores, mas que hoje se vê cada vez mais

regredida à miséria existente no tempo do fascismo.

Gerações de trabalhadores portugueses nasceram e foram criados em bairros ocupados, autoconstruídos, autogeridos. Para garantir habitação digna teremos de voltar a tomar o poder, construamos o socialismo!

Organiza-te no teu bairro para defesa contra os despejos e as demolições!

Junta-te à Esquerda Revolucionária para lutar pelo socialismo!





O rearmamento militarista da Europa e a declaração de guerra à classe trabalhadora

Declaração da Esquerda Revolucionária Internacional

1. A burguesia europeia e os partidos da direita conservadora e da social-democracia juntaram-se para impor ao continente o maior plano de rearmamento desde a Segunda Guerra Mundial. Sob a desculpa ridícula de que Putin pretende invadir a Europa, a estrondosa campanha de propaganda dos meios de comunicação social do grande capital pode resumir-se da seguinte forma: a Europa tem de se defender de uma ameaça existencial que visa acabar com o nosso reino de liberdades e direitos humanos.

2. Esta agenda militarista, disfarçada de falsa defesa da democracia, é uma continuação das políticas neoliberais e das atrocidades imperialistas que o mundo sofre há décadas. Os mesmos líderes europeus que fingem vestir-se com o manto da “paz” apoiaram todas as intervenções criminosas da NATO em mais de setenta anos, patrocinaram o genocídio sionista contra o povo palestiano em Gaza e encheram os arsenais do regime fascista de Zelensky. São eles que assumem o discurso racista da extrema-direita, adotam legislação abertamente repressiva e não param de destruir direitos sociais para aumentar os lucros escandalosos dos banqueiros e dos grandes monopólios capitalistas.

3. Esta propaganda nauseabunda tenta também esconder um facto que é dificilmente incontestável: que a guerra imperialista na Ucrânia, na qual a Europa investiu centenas de milhares de milhões de euros, terminou numa derrota colossal para o bloco ocidental. Um fracasso histórico regado com o sangue de ucranianos e russos, de jovens e trabalhadores enviados para uma mancha cruel em que ambos os lados lutam por interesses económicos, militares e geoestratégicos das suas respectivas oligarquias.

4. O desfecho desta guerra reforça a mudança decisiva na correlação de forças mundial e evidencia ainda mais o avanço do bloco imperialista liderado pela China e pela Rússia. Agora, os criminosos que governam os EUA e a Europa tentam encobrir o desastre virando-se uns contra os outros, num contexto de declínio prolongado da primeira potência capitalista do planeta, e da crescente irrelevância do Velho Continente na luta pela supremacia.

5. Apesar de todas as dissimulações dos líderes europeus e da social-democracia face à sua política militarista, os planos que aprovaram mostram o seu seguidismo em relação às exigências de Trump, e estão perfeitamente alinhados com o nacionalismo furioso das formações de extrema-direita eu-

ropeias como AfD, Le Pen, Abascal e Meloni. A classe dominante europeia defende os seus interesses imperialistas, como sempre fez. Não lhes importa a democracia, os direitos humanos ou a suposta independência da Ucrânia, que é hoje mais do que nunca uma colónia estado-unidense e europeia. Os seus modos podem ser diferentes dos de Trump, mas o objectivo é o mesmo: conseguir uma fatia da divisão do mundo à custa da exploração da classe trabalhadora.

6. A Europa está a rearmar-se e a falar de “autonomia estratégica” porque quer recuperar um papel de direcção no cenário mundial. No entanto, os seus reveses em áreas tradicionais de influência e o seu declínio económico, principalmente em relação à China, mas também em relação aos EUA, dos quais depende militarmente por completo, estão a levá-la a um beco onde todas as contradições acumuladas colocam o próprio futuro da UE em questão.

Um grande negócio para os capitalistas

7. A UE e os seus governos, incluindo o governo de Montenegro agora demissionário, anunciaram um plano de despesa pública de mais de 800 000 milhões de euros para o rearmamento europeu, dos quais 150 000 milhões se concretizarão através da

emissão de dívida comum. Para acelerar o desembolso, acordaram em excluir as despesas correntes e os investimentos militares no cálculo do défice de cada país e que o limite anterior pode ser ultrapassado até um montante equivalente a 1,5% do PIB!

8. Estamos a falar da mobilização de recursos gigantescos para militarizar a Europa, precisamente no momento em que as despesas sociais estão a afundar-se e o empobrecimento a alastrar. No caso da Alemanha, tratar-se-ia de atribuir mais 64 000 milhões de euros por ano, no caso da França e do Estado espanhol 43 000 e 23 000 milhões, respectivamente. Mas estes números iniciais podem mudar rapidamente. O novo governo de coligação CDU-SPD eliminou o teto constitucional da dívida — introduzido durante a crise económica de 2008 para justificar duras políticas de austeridade na Alemanha e na Europa como um todo — o que lhe permitirá aprovar um plano de investimentos, principalmente no campo militar, que pode chegar a um bilião de euros em quatro anos.

9. O cinismo dos governos europeus não conhece limites. Aqueles que fizeram do controlo do défice um mandamento sagrado para justificar cortes brutais no Estado social, a privatização massiva de serviços públicos e o colapso dos salários e das con-



Europa é uma trabalhadora

dições de vida, quebram as suas próprias linhas vermelhas quando se trata do rearmamento e dos negócios suculentos que isso implica para o capital. Tudo em nome da liberdade e da democracia!

10. A Europa no seu conjunto já gasta 315.000 milhões de euros em defesa todos os anos, triplicando o orçamento militar da Rússia, dados que desmentem o principal argumento da campanha de propaganda sobre o perigo de uma invasão por Moscovo. A UE vai mobilizar recursos massivos para se rearmar até aos dentes, sim, mas em benefício dos seus próprios capitalistas, para combater o “inimigo” interno, isto é, a classe operária e os movimentos sociais, e para intervir em novas guerras imperialistas.

11. As informações publicadas nos últimos dias pela imprensa económica são claras: “O negócio da guerra e o aumento iminente das despesas de defesa da União Europeia (UE) têm atraído investidores. Os sectores económicos do Velho Continente ligados ao armamento são os que melhor absorvem a turbulência geopolítica e as mensagens de rearmamento de Bruxelas. 7 das 10 empresas que mais valorizaram o Stoxx 600 este ano estão ligadas à defesa: as alemãs Thyssenkrupp e Rheinmetall avançaram 143,7% e 99,2%, respetivamente, na bolsa desde o início do ano, seguidas das francesas Thales

(80,5%) e Dassault Aviation (51,4%), bem como das italianas Leonardo e Iveco (77% e 75%, respetivamente) e da sueca Saab (61%).”

12. E como dizem os analistas, estes planos de rearmamento beneficiarão acima de tudo... as empresas estado-unidenses: “O paradoxo é, no entanto, que o dinheiro investido na defesa na Europa acabe em empresas estado-unidenses. Uma transferência de fluxos explicada por analistas do City, que apontam que, antes da invasão da Ucrânia pela Rússia, 60% dos orçamentos europeus de defesa acabavam em empresas estado-unidenses. “Isto aumentou para 80% durante a guerra na Ucrânia, já que as empresas europeias lutavam para aumentar a sua capacidade rapidamente”, destacam. E concluem que “o regresso aos 60% levará algum tempo, o que implica que, nos próximos anos, uma parte significativa das despesas adicionais com a defesa beneficiará mais os EUA do que a Europa”.

Uma guerra contra a classe trabalhadora

13. Os mesmos que mergulharam o povo grego na mais completa miséria através de uma chantagem típica da cosa nostra, queixam-se agora de Trump e do seu comportamento mafioso. Mas a Comissão Eu-

ropeia, dominada pela direita tradicional e pela social-democracia, por acaso não se comportou da mesma forma arrogante e criminosa em relação à Grécia quando o seu povo votou e se levantou contra os resgates e os planos de austeridade? Não ameaçaram desencadear o caos atuando como verdadeiros bandidos?

14. Tal como aconteceu há mais de dez anos com os resgates bancários, esta nova montanha de dinheiro público a favor do lobby militar e dos banqueiros conduzirá a novas políticas de cortes e mais desigualdade social, e impulsionará a demagogia reacionária, racista e nacionalista da extrema-direita.

15. Os tambores da guerra e o histrionismo militarista de Von der Leyen, Merz, Meloni, Pedro Sánchez e Macron, que até pôs o seu arsenal nuclear em cima da mesa para “proteger a Europa”, têm um objetivo central: militarizar a sociedade, gerar uma psicose de guerra, reforçar as tendências autoritárias, a repressão contra o movimento operário e a juventude, e os ataques aos direitos democráticos, incluindo o direito à greve. As mesmas pessoas que todos os dias nos falam da ameaça do trumpismo, assumem o seu programa e reforçam as tendências bonapartistas linha-dura que a internacional reacionária exige. A direita e a social-democracia abrem caminho a Le Pen, AfD, Vox, Chega, etc.

16. A decisão da UE de legalizar campos de concentração fora da UE para deter as nossas irmãs e irmãos imigrantes, assumindo assim as receitas de Meloni, ou os acordos do novo governo alemão da coligação CDU-SPD para endurecer ainda mais as medidas anti-imigração, assumindo o discurso da AfD na prática, vão na mesma di-

reção e não são diferentes do que Trump está a fazer nos EUA. O objetivo da UE é criminalizar uma parte da nossa classe, a mais explorada e oprimida, e gerar uma forte divisão entre as nossas fileiras com as suas políticas racistas. É uma estratégia bem conhecida que o fascismo e o nazismo puseram em prática ao incitar à propaganda antisemita e supremacista, que hoje se transformou em islamofobia e xenofobia contra a população imigrante.

17. Como explicou no livro Militarismo e antimilitarismo Karl Liebknecht, um líder comunista alemão que levantou a sua voz contra o militarismo e a guerra imperialista em 1914: “O militarismo não é apenas um meio de defesa e uma arma contra o inimigo externo. Tem uma segunda função que se torna cada vez mais importante à medida que os antagonismos de classe se agravam (...) Esta tarefa consiste em proteger a ordem social existente e defender o capitalismo e a reação contra a luta libertadora da classe operária. O militarismo apresenta-se como um simples instrumento da luta de classes, um instrumento nas mãos das classes dominantes destinado a impedir – juntamente com a polícia e o sistema judicial, a escola e a Igreja – o desenvolvimento da consciência de classe, bem como assegurar a uma minoria, custe o que custar e contra a vontade da maioria do povo, o domínio do Estado e a liberdade de exploração”.

18. A burguesia europeia sabe perfeitamente que o capitalismo enfrenta uma grave crise, que a derrota militar na Ucrânia significou uma mudança histórica nas relações internacionais e que os direitos democráticos se estão a tornar hoje um obstáculo à acumulação capitalista.

19. Por isso recorrem ao racismo, ao

militarismo e ao nacionalismo. As semelhanças com os anos trinta do século passado são evidentes. E a Rússia aparece como um alibi útil para mascarar os seus objetivos. Nenhum líder europeu pensa seriamente que a Rússia de Putin pretende invadir a Europa, tal como não pretendia ocupar toda a Ucrânia.

20. A guerra imperialista na Ucrânia foi impulsionada pelos EUA. Cercar a Rússia com um cordão de países da NATO em que plantaram dezenas de bases militares estado-unidenses e um arsenal de mísseis e armas estratégicas, apoiar o golpe neonazi do Maidan, rasgar os acordos de Minsk... Tudo isto foi feito pelos imperialistas estado-unidenses com a aprovação de Bruxelas.

21. Não, a guerra na Ucrânia não é o que o Ocidente nos apresenta: uma nação que foi violentamente atacada pelo urso russo. Essa visão infantil distorce a realidade. Os EUA travam uma batalha para manter uma influência decisiva na Europa e para que o velho continente corte os seus laços económicos e comerciais com a Rússia e a China, os seus principais adversários na luta inter-imperialista. E eles alcançaram parcialmente esse objetivo prostrando a Alemanha, explodindo o Nord Stream, aumentando as suas exportações de energia e ganhando a cumplicidade da UE no genocídio sionista. Mas noutros aspetos decisivos, como enfraquecer a economia russa ou romper a dependência da UE em relação à China, Washington falhou miseravelmente.

22. Nos estágios iniciais da guerra, a Rússia tentou derrubar o governo de Zelensky com uma ação relâmpago. Uma vez que esse plano falhou devido à ajuda militar massiva do Ocidente, Putin centrou-se em garantir o controlo das ricas províncias pró-russas do leste da Ucrânia, principalmente Donetsk e Luhansk, onde a população está numa longa e sangrenta guerra civil com o governo supremacista em Kiev desde 2014. Assim, nos territórios ocupados pelos russos, não surgiu nenhum tipo de resistência.

23. Esta realidade não nega o caráter imperialista do regime de Putin, que nada tem que ver com o comunismo. A Rússia é hoje uma nação mais poderosa do que era em 2022, mas é uma nação capitalista, governada por uma oligarquia chauvinista, com óbvias aspirações imperialistas. A burguesia russa, que ostenta orgulhosamente a sua bandeira com a águia de duas cabeças do czarismo, também compreendeu que o governo bonapartista de Putin, e um capitalismo de Estado mais semelhante ao da China, oferece vantagens muito sérias para os seus interesses. A estabilidade política que Putin alcançou é uma vantagem para continuar a fazer grandes negócios.

24. Putin é o porta-estandarte de um feitor nacionalismo russo que Lenine e os bolcheviques sempre combateram a sangue e fogo, e que reivindica despididamente o seu lugar entre a extrema-direita global, contra o feminismo e a comunidade queer. Sempre deixámos claro que esta guerra é completamente reacionária e que os oprimidos não podem refugiar-se sob a proteção de nenhum dos blocos imperialistas em conflito. Subordinarmo-nos a qualquer um deles por razões geoestratégicas, “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”, é lançar ao mar o programa internacionalista do marxismo revolucionário.

25. Há que defender uma posição de independência de classe contra a guerra imperialista e combater a propaganda militarista e belicista dos nossos próprios governos, seguindo o lema levantado por Karl Liebknecht em 1914: “o inimigo principal está em casa”!

O capitalismo europeu numa encruzilhada

26. Como salientámos, a batalha pela Ucrânia significou que os EUA mantiveram o seu domínio na Europa. Daí a sua determinação em cortar os laços entre a Rússia e o capitalismo alemão, cuja competitividade, e a da sua poderosa indústria, dependia em grande medida do fornecimento de energia barata russa. A Alemanha, a França, e outros agiram como cães de guarda do imperialismo estado-unidense, e agora, perante a derrota, vêm as censuras e humilhações, e o governo Trump deixa os europeus de fora das negociações de paz e da distribuição dos despojos.

27. A UE enfrenta a guerra comercial de Trump com um claro declínio da sua posição no mercado mundial. Mas este não é o único dos seus problemas. O salto tecnológico da China nos últimos anos, tornando-se uma formidável potência de exportação no sector automóvel, especialmente veículos elétricos – cruciais para a Alemanha e a Europa – está a encurralar a indústria do continente. O défice da UE com a China disparou: mais de 300 mil milhões de euros em 2024. Por outro lado, a dependência da Europa dos EUA, o seu principal mercado e para o qual exporta cerca de 20% dos seus produtos, coloca-a numa situação difícil face à política agressiva do trumpismo.

28. A Europa adquire 59% do seu armamento aos EUA e precisa de Washington para qualquer destacamento militar. A notícia de que os F35 podem ser desconectados remotamente faz parte dessa vassalagem tecnológica, que se repete no campo da inteligência militar, das informações fornecidas pela rede de satélites estado-unidense e de qualquer aspecto sensível da guerra con-

temporânea. Estas razões tornam absolutamente inviável, a curto prazo, qualquer tipo de autonomia militar para a Europa que não passe de uma falsa esperança. Os EUA, ao cortarem o fornecimento militar à Ucrânia, decidiram de facto que a guerra não ia continuar. E os líderes europeus não podem fazer nada além de conferências de imprensa e atos impotentes de apoio a Zelensky.

29. É evidente que os líderes europeus são gente muito experiente em discursos. Há muito que praticam a arte do parlamentarismo burguês, que é o mais refinado jogo de mentiras. Os meios de comunicação social protestam contra Trump, mas estão bem cientes de que a sua dependência do imperialismo estado-unidense vai continuar. É por isso que, no fim de contas, Macron e todos os outros baixam a cabeça ao ocupante da Casa Branca e dizem sim ao aumento da sua contribuição económica para a NATO, que não é mais do que o braço armado do imperialismo estado-unidense. Nesse contexto, as perspectivas para o imperialismo europeu são cada vez mais sombrias. Daí a histeria e o nervosismo dos seus porta-vozes mediáticos.

A social-democracia e a burocracia sindical, pilares do rearmamento

30. A ameaça do militarismo e da guerra, inseparável da ascensão da extrema-direita, tem um inimigo fundamental a vencer: a classe trabalhadora e a sua resistência a planos que impliquem um retrocesso selvagem nos gastos sociais e nos nossos direitos democráticos. Do ponto de vista da burguesia há que amordaçar os trabalhadores, inocular-lhes o narcótico da propaganda belicista disfarçada de defesa da democracia e das liberdades. A social-democracia e a burocracia sindical desempenham um papel essencial nesta estratégia.

31. A democracia burguesa e o parlamentarismo, que todo o tipo de formações de esquerda reformistas consideram o antídoto para a reação, são cada vez mais impotentes para resolver as profundas contradições que assolam a sociedade. É preciso dizer que são os partidos tradicionais que sustentam a governação europeia há décadas, incluindo a social-democracia, que na sua defesa do capitalismo reforçam o autoritarismo do aparelho de Estado e, com a sua agenda belicista e racista, favorecem o avanço social e político da extrema-direita.

32. O mesmo se pode dizer da burocracia sindical, cada vez mais fundida com o aparelho de Estado de que depende economicamente, e comprometida até ao tutano com a paz social e na desmobilização da classe operária. As declarações do Executivo do IG Metall, o poderoso sindicato alemão, em apoio aos planos ultramilitaristas de Merz, são um bom exemplo do seu grau de degenerescência e dos valiosos serviços que continuam a prestar aos patrões e à burguesia imperialista europeia.

Por uma alternativa comunista!

33. Para enfrentar a ameaça militarista e belicista, é preciso erguer um programa socialista e internacionalista que promova a mobilização mais massiva e contundente da classe operária, da juventude e dos movimentos sociais.

34. Criticar esta deriva militarista sem a associar à luta contra o capitalismo e apelar a uma saída da NATO para alcançar a autonomia militar europeia face aos EUA, não é alternativa. O programa da esquerda reformista tem um foco numa abordagem “pacifista” que não vai à raiz do problema. Mesmo que a Europa conseguisse atingir es-

sa autonomia, ela estaria ao serviço do imperialismo europeu. E os recursos para tal cenário continuariam a vir do sangue e do suor da classe trabalhadora, de novos cortes na saúde e na educação, da manutenção da habitação como mercado cativo e lucrativo para os senhorios rentistas e para os fundos especulativos.

35. A conquista de um futuro de paz não virá das mãos de uma UE e de governos europeus, sejam eles de extrema-direita, de direita ou social-democratas, que defendam e representem os interesses do grande capital. Num quadro de crise tão aguda, a luta inter-imperialista pelo mercado mundial, pelas matérias-primas e rotas de abastecimento, por zonas de influência, implica o inevitável uso da força, de que a guerra imperialista é a sua máxima expressão.

36. Derrotar a espiral militarista, o avanço do fascismo e do autoritarismo, não é fácil. Mas já sabemos o que é inútil: apoiar o mal menor e as políticas da social-democracia e os seus apêndices. O que precisamos é exatamente o contrário, voltar às ideias do marxismo revolucionário e construir um movimento de massas que impulsiona a ação direta nas ruas, que organize greves parciais e gerais, que eleve o nível de consciência de nossa classe. Está muita coisa em jogo e não podemos esconder a cabeça num buraco do chão. Nenhuma diplomacia, nenhuma razão de direito internacional vai parar as ambições imperialistas. Só a luta de classes pode fazê-lo.

37. Os planos de Trump, da UE e dos governos capitalistas são claros, mas a classe trabalhadora é forte e não sofreu uma derrota decisiva em nenhum país fundamental. Há uma força enorme do nosso lado, embora fosse um grave erro não considerar a luta de classes como um processo vivo e dinâmico. O potencial que nós, trabalhadores, possuímos deve ser materializado, como nos dizem as lições da história. Os trabalhadores italianos e alemães foram poderosos nos anos vinte e trinta do século passado, tinham organizações políticas e sindicais potentes, mas os erros de suas direções reformistas abriram caminho para o triunfo da reação mais extrema e dos massacres mais horrendos.

38. É preciso construir um partido revolucionário, comunista e internacionalista, baseado no movimento de massas e não numa mera e vazia ação parlamentar. Um partido que defenda sem complexos a expropriação dos bancos e dos grandes monopólios capitalistas para construir um mundo socialista, livre de guerras, genocídios e miséria, e onde toda a capacidade criativa que a raça humana abriga possa desenvolver-se sem limites.

Junta-te à Esquerda Revolucionária para o tornar possível!

Se queres a paz, luta pelo socialismo!





III Congresso da Esquerda Revolucionária: **CONSTRUIR O PARTIDO DA REVOLUÇÃO**

Nos passados dias 15 e 16 de fevereiro celebrámos em Lisboa o III Congresso da Esquerda Revolucionária. Foram dois dias de discussões sobre as perspectivas para o desenvolvimento da luta de classes no mundo e em Portugal, assim como sobre a construção da nossa organização. Participaram todos os militantes em Portugal, assim como uma delegação composta por camaradas das secções do Estado espanhol e México, e online das secções venezuelana e alemã da Esquerda Revolucionária Internacional.

Os últimos dois anos foram marcados por um aumento da luta inter-imperialista entre os blocos liderados pelos Estados Unidos da América e pela China. Discutimos a guerra na Ucrânia, o terrível genocídio do povo palestino pelo Estado sionista e ainda a queda do regime sírio, expressões da luta entre estes dois blocos pelo controlo de território, matérias-primas e rotas comerciais. As burguesias estado-unidense e europeias em declínio face a uma China em ascensão, que controla cada vez mais mercados anteriormente dominados por estas, recorrem a métodos repressivos cada vez mais autoritários — colocando o fascismo no horizonte — para evitar a queda dos seus lucros e como resposta às grandes lutas da classe trabalhadora contra a perda de direitos e qualidade de vida, e em solidariedade com o povo palestino.

Discutimos como o segundo mandato de Trump veio acelerar esta tendência, e deixa claro que a burguesia estado-unidense, crescentemente desesperada, não se deixará ultrapassar sem usar todos os métodos ao seu alcance para o evitar, mesmo que contraproducentes, como as tarifas. Internamente elegeu os trabalhadores imigrantes e pessoas trans como principais bodes expiatórios contra os quais unir a sua base reacionária, mas irá alargar os seus ataques à restante classe trabalhadora, a mesma que organizou as grandes manifestações anti-racistas e feministas, que se sindicaliza em cada vez mais

sectores da economia, e que no dia da inauguração de Trump organizou protestos em centenas de cidades do país, e que não se deixará vencer sem dar uma luta feroz.

Discutimos o quase um ano de governo da AD em Portugal, que está a adoptar o discurso e métodos da extrema-direita, usando a mesma receita de fazer dos trabalhadores imigrantes o bode expiatório de todos os problemas criados pelo grande capital e pela sua destruição dos serviços públicos. A classe trabalhadora e a juventude têm respondido com contundência aos ataques racistas do governo, mostrando uma enorme força e vontade de o combater nas ruas. São exemplo disto as manifestações multitudinárias do 25 de abril e as manifestações anti-racistas espoletadas pelo assassinato de Odair Moniz pela polícia e pela repressão de imigrantes na rua do Benfornoso. Os partidos reformistas à esquerda do PS continuam a ignorar esta combatividade, preferindo focar-se no parlamentarismo, apesar dos seus escassos números, resultado de uma política de conciliação de classes que continuam a seguir.

Por todo o mundo a classe trabalhadora liderou processos nos últimos dois anos que poderiam ter resultado na tomada do poder caso existisse um partido revolucionário com influência de massas — mesmo no coração da Europa, com greves massivas no Reino Unido e uma crise revolucionária em França. A construção desse partido, que, armado com o programa da revolução socialista e baseado na força e nos métodos da nossa classe, dirija todo este potencial para a tomada do poder, é a tarefa a que nos propomos.

Fizemos um balanço muito positivo da construção do partido nos últimos dois anos, desde a construção de direções coletivas ao nível do comité executivo e dos grupos de base em Lisboa e no Porto, à criação de um novo grupo de trabalho de Publicações, que dinamiza o website e as redes sociais, às ativida-

des desenvolvida nas nossas frentes, como a participação nas manif anti-racistas e em defesa da Palestina. Com a Livres e Combativas participámos nas marchas do 8 de Março, Dia Internacional da Mulher Trabalhadora, e do Orgulho LGBTI+, imprimindo-lhes um carácter anticapitalista e revolucionário. Com o Sindicato de Estudantes estivemos presentes nos acampamentos estudantis em solidariedade para com a Palestina tanto em Lisboa como no Porto.

A teoria marxista é indispensável para a prática revolucionária, e por isso celebrámos a publicação regular bimestral do nosso jornal A Centelha, para além de uma edição especial pelo fim do genocídio e libertação da Palestina do jugo imperialista e colonialista, e ainda de dois novos livros nos últimos dois anos. Reforma ou Revolução de Rosa Luxemburgo é um clássico do marxismo que explica a impossibilidade de se atingir o socialismo através de reformas, e, portanto, como o reformismo é um beco sem saída para a classe trabalhadora. O nosso livro original A Revolução Portuguesa condensa os principais acontecimentos e lições da revolução portuguesa no seu quinquagésimo aniversário: como sem uma direção revolucionária, a estratégia do PCP centrada na teoria das etapas e na aliança com sectores “progressistas” da burguesia — assim como a subserviência a uma União Soviética degenerada que seguia as estratégias estalinistas do socialismo num só país e da divisão do mundo em esferas de influência — resultaram na derrota da revolução.

Discutimos também a importância das Finanças Revolucionárias para a nossa independência financeira e política. O entusiasmo e compromisso com a construção do partido refletiu-se na presença e envolvimento de todos os militantes na construção do Congresso, assim como numa grande coleta de 2300€ para fortalecer as nossas finanças revolucionárias.

As conclusões do debate estão condensadas no nosso documento de perspectivas po-

líticas e construção, onde se incluem as tarefas e objetivos específicos para o novo período que se abre. Para se encarregar dessa responsabilidade, elegemos um novo Comité Central, composto por jovens trabalhadores e trabalhadores-estudantes, todos comprometidos e entusiasmados com a luta. A aprovação dos documentos e nova direção foi conseguida por unanimidade!

O capitalismo em decadência só tem miséria, desastres ambientais, guerras imperialistas e fascismo para nos oferecer. O slogan de Rosa Luxemburgo é tão relevante hoje como quando as escreveu: socialismo ou barbárie! Construir o socialismo e realizar a revolução que derrube este sistema podre é a tarefa!

Junta-te aos e às comunistas revolucionárias para construir o partido da revolução!

Junta-te à Esquerda Revolucionária!





8M: Milhares nas ruas contra o machismo, a queerfobia e a extrema-direita

Livres e Combativas

Nem a chuva, nem o vento vão parar o movimento!

No sábado passado, dezenas de milhares voltaram a sair às ruas de todo o País contra o machismo, a violência doméstica, os ataques aos direitos reprodutivos mas também contra a queerfobia e a extrema-direita.

Apesar da forte chuva, a consciência de que os nossos direitos estão cada vez mais a ser postos em causa, levou à rua muitos e muitos milhares de mulheres, pessoas queer e jovens que de forma organizada ou espontânea integraram as muitas manifestações que se realizaram em Aveiro, Braga, Castelo Branco,

Évora, Coimbra, Faro, no Faial, Guimarães, Lisboa, Porto e Viseu.

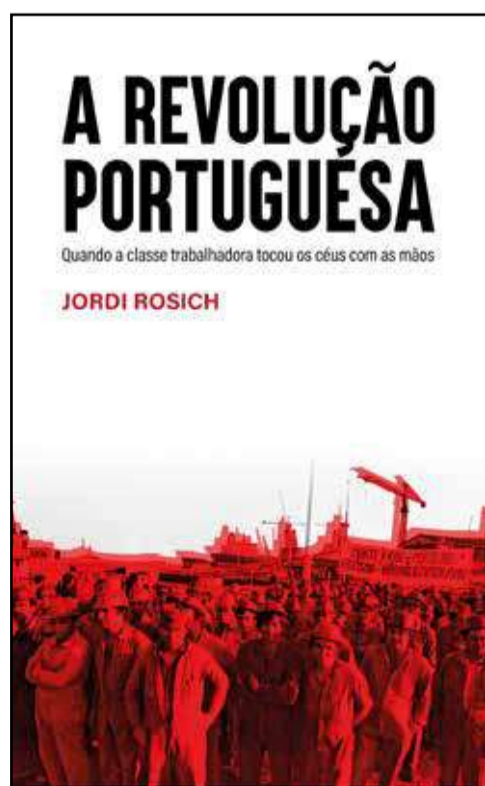
No Porto e em Lisboa, as Livres e Combativas participaram com um bloco feminista revolucionário e anticapitalista. Debaixo de forte chuva exigimos “Trabalho igual, salário igual!”, “Nem uma a menos, vivas nos queremos!” e que se “Mexeu com uma, mexeu com todas!”. Como revolucionárias sabemos que a luta feminista não está dissociada da luta das pessoas queer, da luta anti-racista e das lutas da classe trabalhadora. Por isso mesmo também gritamos “Fascistas, machistas, chegou a vossa hora, as imigrantes ficam e vocês vão embora!” e que “A nossa luta é todo o dia, contra o machismo, o racismo e a homofobia!”

Mais uma vez, as mulheres e juventude de

classe trabalhadora mostraram que o 8M, o Dia Internacional da Mulher Trabalhadora, é um dia de luta, é um dia de sair às ruas, faça chuva ou faça sol, para lutar pelos nossos direitos!

Junta-te às Livres e Combativas para lutar por um Mundo sem opressão!

Livro: A Revolução Portuguesa



Foi a ação das massas, particularmente da classe trabalhadora, que converteu o golpe do MFA contra a ditadura numa verdadeira revolução social.

A queda da ditadura salazarista deu lugar a uma explosão de participação de milhões de trabalhadores, homens, mulheres e jovens, na vida política e social do país. De norte a sul apareceram os comités de trabalhadores nas fábricas e os comités de moradores nos bairros; procedeu-se à purga dos elementos fascistas ligados à repressão nas empresas, rádios e jornais; dentro do exército, os soldados participavam e discutiam abertamente política e questionavam as decisões dos seus superiores. Houve um aumento vertiginoso e massivo da militância nas organizações políticas de esquerda.

Nos meses que se seguiram ao 25 de Abril, todas as tentativas dos capitalistas de fazer diminuir este estado de efervescência e de participação popular na vida política - através de campanhas contra a “anarquia”, golpes de Estado reacionários, repressão e sabotagem económica - radicalizaram ainda mais os trabalhadores, os camponeses e a base do exército, empurrando a revolução

adiante. Num determinado momento, os latifúndios foram tomados pelos assalariados rurais e a banca foi nacionalizada por exigência dos seus próprios trabalhadores; outros sectores-chave também foram nacionalizados e em todas as empresas se estendeu, em maior ou menor medida, o controlo operário, em muitos casos através da ocupação direta.

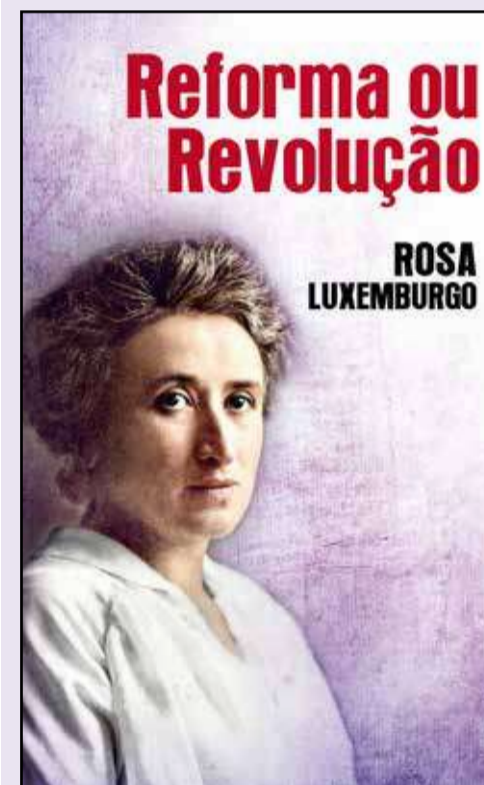
O que faltou a esta massa imensa e determinada foi um partido revolucionário capaz de organizar a tomada do poder de Estado para os trabalhadores. Meio século volvido sobre estes acontecimentos, as lições do Período Revolucionário em Curso continuam atuais e úteis para qualquer militante combativo que lute contra este sistema de exploração, guerra e destruição ambiental.

Compra os livros de autoras revolucionárias!

Reforma ou Revolução de Rosa Luxemburgo é um clássico do marxismo contra o oportunismo e o reformismo a que cedeu a social-democracia alemã. Refuta os argumentos desta última e demonstra como o reformismo é um beco sem saída para a classe trabalhadora.

Os escritos sobre feminismo e revolução de Alexandra Kollontai abordam temas como papel da mulher na família e a prostituição, e como só a expropriação dos meios de produção sob controlo democrático da classe trabalhadora e a socialização do trabalho doméstico podem libertar a mulher das opressões que sofre em capitalismo.

Assuntos tão pertinentes hoje, com a crise capitalista, a militarização da Europa e o crescimento da extrema-direita - como então.



Entra em contacto connosco para comprares estes livros!
geral@esquerdarevolucionaria.net
 @desqrevpt

[Continuação da contracapa]

Trump quer terminar o que Biden começou

Se Trump pode colocar estes planos em cima da mesa, é graças ao nível de destruição e barbárie que o Estado sionista impôs a Gaza. Um verdadeiro holocausto, com 70.000 assassinados, 6% da população — cerca de 200.000 segundo a revista *The Lancet*, se incluímos aqueles que morreram de ferimentos, infeções, fome e frio — o resultado do total apoio do imperialismo estado-unidense e, especificamente, da Administração Biden. O facto de os democratas estarem agora a levar as mãos à cabeça é uma piada de mau gosto, quando foram eles que abriram caminho à limpeza étnica.

Israel e os EUA arrasaram o norte da Faixa de Gaza; antes de 7 de outubro viviam 775.000 pessoas na Cidade de Gaza. Uma estratégia que visava transformar um espaço densamente povoado num terreno baldio, e torná-lo completamente inabitável, de modo a garantir uma ocupação militar permanente e permitir a expulsão de todos os que sobreviveram ao genocídio. Agora Trump diz sem rodeios, Gaza é uma massa de escombros e ruínas — como se fosse por intervenção divina — e é melhor “limpar” completamente a área. O genocídio criminoso de Netanyahu e Biden criou as condições para que Trump propusesse agora a limpeza étnica.

O plano é muito claro. Continuar a manter Gaza em completa destruição, boicotar qualquer tentativa de reconstrução, permitir que Israel continue a impedir a entrada de ajuda humanitária e, se necessário, reiniciar os bombardeamentos e massacres. Com esta política de cerco e extermínio, pretendem forçar o povo de Gaza a abandonar as suas terras.

Que venham agora o governo social-democrata alemão e a sionista ministra dos Negócios Estrangeiros queixar-se da proposta de limpeza étnica de Trump, é patético. As mesmas pessoas que armaram Netanyahu até aos dentes, e que encorajaram e justificaram o genocídio em Gaza dia após dia, estão agora surpreendidas. Que cinismo!

A UE, preocupada apenas em evitar a guerra tarifária com Trump, adoptou uma posição dúbia em relação a esta proposta selvagem. Não querem irritar Trump, nem os seus aliados de extrema-direita na Europa. É esta a “ética” da social-democracia da NATO. No Estado espanhol tanto o jornal *El País* como o ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo PSOE-Sumar estão indignados com a proposta de Trump e afirmam que é um golpe contra o direito internacional, contra os direitos humanos, que o deslocamento forçado da população não é permitido, que é um crime. E por acaso o extermínio de dezenas de milhares de habitantes de Gaza nestes 15 meses não foi criminoso? Ou a utilização da fome, da sede e do frio como arma de guerra, espancando bebés e crianças, mulheres e civis? Ou o ataque aos hospitais? Ou o assassinio de jornalistas?

Os países árabes e os supostos aliados da causa palestina

Por outro lado, os reacionários regimes árabes, do Egito e da Jordânia ao Qatar e à Arábia Saudita, mostram-se muito preocupados com a proposta de Trump. Mas Trump conhece bem estes déspotas, que sempre traíram o povo palestino ao obterem compensações suculentas. É verdade que, por enquanto, descartam esta solução,

mas não por razões morais ou de princípios, mas por receio de um levantamento revolucionário no mundo árabe.

Como demonstraram durante este quase ano e meio de genocídio, os regimes capitalistas árabes não são nem nunca serão aliados do povo palestino, tal como não o foram na década de 1940, quando o Estado de Israel foi fundado. Estão bem cientes do potencial revolucionário da causa palestina. Depois da Nakba, a limpeza étnica desencadeada pelo sionismo, os regimes pró-britânicos do Egito, Jordânia, Iraque e Síria enfrentaram poderosas rebeliões sociais das massas pelo seu papel de sipaio no desastre palestino. A maioria deles entrou em colapso, abrindo a porta a profundos processos revolucionários baseados no nacionalismo pan-árabe e no socialismo. Essa memória, e a das primaveras Árabes a partir de 2011, aterroriza-os. E daí a sua recusa, para já, em aceitar uma nova Nakba às mãos de Trump.

Estes regimes não levantaram um dedo para travar o atual genocídio e o Egito chegou a conceber um plano para trancar os habitantes de Gaza em novos campos de concentração na península de Sinai, caso Israel decidisse expulsá-los. A Liga Árabe, que exigiu que a Europa agisse contra Israel, recusou-se a decretar um boicote ao petróleo e gás contra Telavive, como fez em 1973. Não nos enganemos. A sua capacidade de exercer pressão, económica e política, para pôr termo a esta situação não era secundária, mas decidiram muito conscientemente não a utilizar. O importante para estes sátrapas é continuar a fazer negócios. E agora, também com a reconstrução da Faixa de Gaza.

Temos de tirar conclusões de todos estes desenvolvimentos. Todos aqueles que depositaram as suas esperanças nos governos capitalistas árabes, na ditadura dos mullahs do Irão, ou na política externa da China ou da Rússia para combater os sionistas e libertar o povo palestino, tiveram um choque de realidade. Nem Putin, nem Xi Jinping, nem clérigos iranianos são movidos por qualquer objetivo socialista ou emancipatório. Enfrentam os EUA pelo controlo de mercados, matérias-primas estratégicas, rotas comerciais e cadeias globais de produção. É uma luta pela supremacia. Mas nenhum desses regimes capitalistas, nem o chinês, nem o russo, nem o iraniano, mobiliza a classe trabalhadora mundial, nem levanta a luta revolucionária contra o imperialismo estado-unidense. Não são aliados do povo palestino, como tampouco o é o fundamentalismo islâmico.

Na era do imperialismo, as potências capitalistas só são movidas por interesses geoestratégicos e económicos, e fazem-no através da força bruta. Trump e Netanyahu estão a levar esta abordagem até às últimas consequências, mas se o fazem, é porque não encontram oposição. Assim como Hitler na década de 1930, quando a política de apaziguamento da Grã-Bretanha e da França, e até mesmo de Roosevelt nos Estados Unidos, permitiu que os nazis dessem passos em direção à guerra e à barbárie.

A causa palestina é a causa de todos os oprimidos e da classe trabalhadora. Por uma alternativa internacionalista revolucionária!

A trégua está a servir para Israel centrar a sua atenção na Cisjordânia, com ataques brutais a campos e cidades de refugiados palestinos. Está a preparar uma nova fase da sua ocupação dos territórios palestinos e limpeza étnica, e contarão com o apoio de Trump para legitimar definitiva-

mente os colonatos ilegais de colonos de ultradireita. Mais uma violação do direito internacional contra a qual a ONU gritará impotente. Trump decretou sanções contra o Tribunal Penal Internacional, deixando claro que não vai parar face a nenhum obstáculo diplomático.

A deriva reacionária da sociedade israelita, em que 82% da população segundo as últimas sondagens justifica a limpeza étnica de Gaza proposta por Trump, é o espelho em que olham a extrema-direita e fascistas de todo o mundo, os Milei, Meloni, Orban, Erdogan, etc. Esfregam as mãos diante de um consenso tão favorável, e isso semeia desespero e desmoralização entre amplas camadas.

Para ver como o fascismo pode avançar numa sociedade, basta olhar para o que está a acontecer em Israel. A deriva não dependeu apenas dos elementos mais supremacistas, mas foi marcada por uma oposição secular e sionista, que passou de denunciar Netanyahu como uma ameaça à democracia para agora justificar entusiasticamente a proposta de limpeza étnica de Trump. Esta oposição dita democrática, tal como os sionistas trabalhistas antes dela, está a abrir caminho para transformar Israel numa ditadura teocrática fundamentalista. Uma ditadura racial da qual, mais cedo ou mais tarde, cidadãos árabes-israelitas também seriam expulsos e onde os sindicatos ou o movimento feminista e LGBTI seriam esmagados.

Pensar que o que aconteceu nos anos 30 não se pode repetir, que são fenómenos passados, não nos prepara para o próximo período. As mesmas forças objetivas que levaram à ascensão do fascismo e do nazismo naquela época estão agora em ação. A reação, apoiada por cada vez mais sectores dos capitalistas e das elites financeiras, como evidenciado pela posse de Trump, está-se a preparar. Ainda não apostam em ditaduras abertamente fascistas, por medo de uma resposta revolucionária, mas comportam-se com crescente audácia e agressividade.

Ao mesmo tempo, os liberais e os social-democratas, tal como a oposição israelita, estão a emitir proclamações em defesa da democracia, contra a ameaça da extrema-direita, contra o fascismo, para continuar a concordar com a direita em todas as questões essenciais, fazendo dos imigrantes bodes expiatórios para lançarem a sua legislação racista e fomentarem o ódio. E em todas as nações desenvolvidas colaboram na tomada de medidas punitivas, autoritárias e bonapartistas que restringem os direitos democráticos, e facilitam que a burguesia financeira continue a enriquecer obscenamente.

A proposta fascista de Trump contra o povo palestino marca o tom da época em que estamos a entrar. Um período turbulento de luta de classes, guerra, barbárie e contrarrevolução, mas também de revolução socialista.

Estamos perante uma ameaça muito séria, mas é evidente que passar das palavras aos atos não será fácil. O povo palestino não abandonará voluntariamente as suas terras. Resistirão apesar do terrível martírio que sofrem, como fizeram em 1948, em 1967 e nos setenta e sete anos do colonialismo sionista. A marcha de milhares de palestinos do sul para o norte de Gaza, a fim de recuperarem as suas terras e o que resta das suas casas, é disso um bom exemplo. Apesar do destacamento de mercenários estado-unidenses no Corredor de Netzarim, construído pelo exército israelita para separar o sul e o norte de Gaza, e apesar da ten-

tativa de impedir a sua passagem, a determinação e a dignidade do povo palestino continuam a impor-se.

Mas é necessário tirar conclusões do que aconteceu para enfrentar a ameaça do sionismo supremacista e do fascismo trumpista. Tanto a direção do Hamas, como a da OLP, condicionaram a luta de libertação nacional na Palestina às suas alianças e acordos com governos e elites árabes, e subordinaram-se à política do fundamentalismo. Hoje, essa estratégia, especialmente no rescaldo deste terrível genocídio, revelou a sua bancarrota.

A luta do povo palestino e libanês contra o sionismo e o imperialismo estado-unidense é, sem dúvida, um exemplo de coragem e de total inspiração. Ninguém pode negar o direito à resistência armada contra os ocupantes sionistas. Mas as armas são impotentes se não forem acompanhadas por um programa revolucionário, comunista e internacionalista, baseado na ação de massas. A questão dos recursos militares, sempre em condições de inferioridade face à brutal máquina imperialista, pode ser compensada com uma firme estratégia revolucionária, que exorte energicamente todos os povos árabes a levantarem-se contra os seus governos corruptos, a fim de assegurar uma solidariedade efetiva e real com a causa palestina. É isso que a burguesia sionista, estado-unidense e árabe mais teme, que surja um movimento revolucionário unificado em bases socialistas e de classe no Médio Oriente.

Face aos planos fascistas de Trump e dos sionistas, devemos levantar a bandeira do internacionalismo revolucionário, apelando a um grande movimento de solidariedade mundial, com ações de massas dos trabalhadores, organizando greves e greves gerais que demonstrem o poder que nós trabalhadores temos. Só assim seremos capazes de enfrentá-los e detê-los. Precisamos de um movimento como o que surgiu na década de 1930 em solidariedade com o Estado espanhol, após o golpe fascista de Franco, e que se tornou uma inspiração para antifascistas, socialistas e comunistas em todo o mundo. Não só este genocídio e limpeza étnica contra o povo palestino tem de ser derrotado, como temos de acabar com Trump, Milei, Meloni, Abascal, Erdogan, Al Sisi...

Por muito que tenham arrasado Gaza, é impossível para eles evitar novas crises revolucionárias na Palestina e no Médio Oriente. Prepararmo-nos para estas, tirar as lições certas, é a tarefa que temos pela frente. Não existem soluções intermédias. Ou o domínio do sionismo e do colonialismo, ou a revolução socialista pondo fim ao Estado de Israel — isto é, expropriando a sua burguesia — e propondo a queda dos governos capitalistas árabes e da burguesia palestina, ligados por milhares de empresas ao sionismo e ao imperialismo ocidental.

Esta é a chave para acabar com a opressão nacional e de classe do povo palestino e para construir uma Federação Socialista do Médio Oriente onde todos os povos possam viver em paz, igualdade e liberdade da barbárie imperialista.

Genocídio sionista em Gaza: Trump copia Hitler e propõe limpeza étnica total

Victor Taibo
Esquerda Revolucionária
Internacional

A classe trabalhadora mundial deve derrotar este plano fascista

Trump mostrou as suas cartas ao propor uma solução final para o “problema palestino”: levar a cabo uma limpeza étnica selvagem em Gaza que coroe o genocídio sionista. Para muitos comentadores, parece uma nova ideia de um presidente excêntrico, e minimizam o assunto aludindo à sua falta de “viabilidade”. Mas a realidade é concreta. O facto do mais alto representante do imperialismo estado-unidense expor ideias semelhantes às que Hitler e a cúpula nazi defenderam e puseram em prática na década de 1930 mostra que a ameaça à classe trabalhadora e aos povos oprimidos do mundo é muito séria.

Estamos perante um acontecimento de significado histórico. Numa conferência de imprensa na Casa Branca com o genocida Netanyahu, Trump anunciou que os EUA iriam assumir o controlo da Faixa de Gaza, expulsando os seus dois milhões de habitantes, para a transformar num grande resort de luxo ao estilo da Riviera Francesa. Pensar que estamos perante meras fanfarrônicas, ou que são os planos delirantes de um promotor imobiliário, é um erro grosseiro. O discurso de Trump e suas propostas supremacistas não são resultado de improvisação, mas foram discutidos e acordados, entre outros, com o seu aliado sionista em Tel Aviv.

O entusiasmo demonstrado com o plano por altos funcionários Republicanos, como o presidente do Congresso dos EUA, Mike Johnson, o próprio Netanyahu e os re-

presentantes da ultradireita sionista, Beza-lel Smotrich e Ben Gvir, deixa isso claro. Após as palavras de Trump, o ministro da Defesa de Israel, Israel Katz, do Likud, exigiu que o exército organizasse um plano para realizar a “transferência voluntária” dos habitantes de Gaza.

Se este novo capítulo infame prova alguma coisa, é que todos os passos dados desde o início do genocídio sionista, agora com Trump, mas antes com os democratas, foram realizados com o consentimento e aprovação total da Casa Branca. Os EUA e Israel são unha com carne neste processo, destruíram Gaza, desenharam um novo mapa geopolítico do Médio Oriente sobre uma montanha de cadáveres palestinos, golpearam duramente o Hezbollah e o Irão, o seu grande inimigo na região, e agora pretendem terminar o trabalho independentemente das consequências. Como dissemos, a trégua acordada no início do ano foi feita sob medida para o sionismo e o imperialismo estado-unidense e foi mais um passo nessa estratégia.

Mas o alvo desta mensagem não é apenas Gaza. A política do trumpismo desde o seu regresso à Casa Branca tem um viés agressivo e fascista impossível de esconder, e não é por acaso. Ameaça diretamente com intervenções imperialistas, aterroriza milhões de imigrantes impondo a militarização da sociedade e assim prepara o terreno para atacar com fúria a esquerda, os sindicatos e a classe trabalhadora nativa. A mensagem é clara. Apesar da decrepitude do capitalismo estado-unidense, lutarão com unhas e dentes pela sua supremacia, mesmo que isso signifique gerar caos, guerra e barbárie.

Por outro lado, a proposta de Trump também mostra a quem servem estes fascistas,

querendo transformar a Faixa de Gaza num paraíso de férias para milionários e procurando obter lucros suculentos com a especulação imobiliária depois de expulsar os palestinianos. Obviamente que esta não é a principal razão para este passo do imperialismo estado-unidense, mas mostra como Trump e a ultradireita representam perfeitamente os interesses da plutocracia capitalista. Tal como aconteceu com Hitler, Mussolini e Franco.

Devemos recordar as lições da história. Os contos de fadas que falam de uma democracia consolidada e impossível de cair não valem para compreender nem o fenómeno do fascismo nem a sua ascensão. O partido nazi era um grupo marginal na Alemanha na primeira metade dos anos vinte do século passado. O seu programa parecia uma compilação de delírios inventados por um louco ressentido. Mas no contexto de um capitalismo em crise, de um sistema parlamentar incapaz de conter a ascensão da luta de classes e da polarização, e num mundo abalado pela luta e revolução inter-imperialistas, a “democrática” burguesia alemã acabou por apoiar Hitler.

Os nazis usaram o povo judeu como bo-de expiatório, sobre o qual derramaram todo o seu ódio racista para mobilizar as massas enfurecidas da pequena-burguesia e sectores desclassificados do proletariado. Começaram por propor o deslocamento “voluntário” dos judeus. Esta foi a sua primeira “solução final”. Aprovaram leis para marginalizá-los da sociedade, como as famosas Leis de Nuremberg, que os impediam de trabalhar, atirando-os para a miséria e, mais tarde, trancando-os em guetos. O objetivo, como agora para Trump e Netanyahu, era forçá-los a emigrar da terra onde nasceram e viveram por gerações.

As dificuldades que enfrentaram levaram os nazis a propor outras soluções “imaginativas”, como a possível expulsão de judeus para Madagáscar, uma ideia que tomaram dos líderes da direita francesa, profundamente antisemita, e também a assinar os acordos de Haavara com um sector do sionismo para forçar a sua emigração para a Palestina. Quando a Segunda Guerra Mundial começou, Hitler optou por câmaras de gás e fornos crematórios. Mas o Holocausto foi forjado desta forma, diante dos olhos de todos e com o consentimento das potências capitalistas do mundo “democrático”.

Nessa altura, como agora acontece com o povo palestiniano, um fator central foi a passividade e cumplicidade das nações ditas liberais, da Grã-Bretanha, da França ou dos Estados Unidos, e da comunidade internacional, que não só não levantou um dedo contra a perseguição pública e notória dos judeus, como também dos ciganos, dos sindicalistas e comunistas, dos deficientes e dos homossexuais, mas continuaram a chegar a acordos e a fazer negócios com o Terceiro Reich, apesar de saberem da existência de guetos e campos de concentração. A sua política de “apaziguamento” em relação a Hitler é uma cópia da mesma atitude que a UE mantém hoje com Netanyahu e Trump. E, tal como na década de 1930, todos estes poderes “democráticos” endureceram as suas leis de imigração, negando asilo a milhões de refugiados do nazismo.

[Continuação na página 11]



ESQUERDA
REVOLUCIONÁRIA

Junta-te à **ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA** e constrói
connosco para as forças do comunismo revolucionário!

www.esquerdarevolucionaria.net • geral@esquerdarevolucionaria.net

[@EsqRevPT](#) • [@LivCombat](#) • [@SindEstud](#)

